

O saber ambiental na prática docente: da interdisciplinaridade ao diálogo dos saberes

Environmental knowledge in teaching practice: the interdisciplinarity of knowledge dialogue

Dweison Nunes Souza da Silva¹

Resumo

O debate acerca da aplicabilidade da interdisciplinaridade enquanto caminho norteador das práticas docentes, fundamentalmente, com vistas ao pleno desenvolvimento deste fazer pedagógico, é sem dúvida, um dos desafios impostos à sociedade contemporânea. Nesse sentido, objetiva-se neste ensaio evidenciar a importância do pensar a prática docente, com vistas à interdisciplinaridade na ótica da complexidade (dialógica), considerando, portanto, o saber – no sentido de interação – em suas faces: científico e socialmente vividos. Para tanto foi realizada uma atividade prática (trilha ecológica), onde foram concebidos e valorizados os vários discursos dos atores envolvidos: professores, munícipes locais, estudantes etc. Nesta ótica, buscou-se após essas ações – através de entrevistas aos professores – externar e/ou abstrair suas percepções acerca da aplicabilidade do pensamento dialógico ou complexo em suas práxis, e, por conseguinte a melhoria da percepção ambiental dos sujeitos sociais – na medida em que interagem – em relação aos ambientes visitados, especialmente, dos estudantes da EREM Frei Otto – Ipojuca – PE. Os resultados das entrevistas revelam e reforçam – através das falas dos atores – ser essencial a adoção da perspectiva dialógica na prática docente, diálogo que exerce neste artigo, diversos tipos de “cientificidades” que ao convergirem, dão (quando possível) a visão de totalidade daquilo que se pretende alcançar. Finalmente, acredito ser necessário o investimento a passos apressados em alternativas e/ou novas formas de conhecimento (como ao que neste ensaio é sugerido), que por sua vez engendrem enfrentamentos efetivos aos problemas socioambientais da contemporaneidade.

Abstract

The debate about the applicability of interdisciplinarity as a guiding path of teaching practices, fundamentally with a view to the full development of this pedagogic practice, is without doubt one of the challenges imposed on contemporary society. In this sense, the objective of this essay is to highlight the importance of thinking about teaching practice, with a view to interdisciplinarity from the point of view of complexity (dialogical), thus considering knowledge - in the sense of interaction - in their faces: scientifically and socially lived. For this, a practical activity (ecological trail) was carried out, where the various discourses of the involved actors were conceived and valued: teachers, local residents, students, etc. In this perspective, we sought after these actions - through interviews with teachers - externalizing and / or abstracting their perceptions about the applicability of dialogic or complex thinking in their praxis, and, therefore, improving the environmental perception of social subjects - as far as In which they interact - in relation to the environments visited, especially, of the students of EREM Frei Otto - Ipojuca - PE. The results of the interviews reveal and reinforce - through the statements of the actors - that it is essential to adopt the dialogical perspective in teaching practice, a dialogue that exercises in this article, various types of "sciences" that, when converging, give (when possible) Of what we want to achieve. Finally, I believe that it is necessary to invest in hurried steps in alternatives and / or new forms of knowledge (as

¹ Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – UFPE.

in this essay is suggested), which in turn engender effective confrontations with the socio-environmental problems of contemporaneity.

Palavras-chave: Saber ambiental. Prática docente. Interdisciplinaridade. Diálogo dos saberes.

Keywords: Environmental know. Teaching practice. Interdisciplinarity. Dialogue of knowledge.

Introdução

O debate acerca da aplicabilidade da interdisciplinaridade enquanto caminho norteador das práticas docentes, fundamentalmente, com vistas ao pleno desenvolvimento deste fazer pedagógico, é sem dúvida, um dos desafios impostos a atual sociedade contemporânea². Nesse sentido, é mister afirmar que numa visão de totalidade, sua inserção – no sentido da prática pedagógica interdisciplinar – perpassa, sobretudo, pela adoção tanto do saber e do fazer científico quanto dos saberes e fazeres populares, portanto, há que se considerar no exercício da docência, as inter-relações e interações entre os diferentes componentes curriculares (no que concerne a educação básica), bem como, mergulhar e se deixar mergulhar na diversidade dos conhecimentos existentes, principalmente, naqueles ditos empíricos, que se nos apresentam através da cultura (essencialmente), da religião, da política, nos meios sociais etc., que em síntese configuram a totalidade.

Nesta perspectiva, cabe neste momento retomar o pensamento de Edgar Morin acerca da problemática do ensino, e que ao mesmo tempo, nos impeli na busca pela superação de alguns paradigmas impostos pela era do conhecimento – no sentido da práxis da cientificidade adotada como regra geral. Dito isto, o autor afirma que:

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada (MORIN, 2003, p. 17).

Para Morin, torna-se essencial à oposição ao paradigma da simplificação e/ou dicotomização e objetificação do conhecimento, portanto, uma nova forma de pensar que seja capaz de apreender a complexidade do real. Com efeito, é na evolução da própria ciência que

²Abordagem crítica ao conhecimento cristalizado e dicotômico, utilizando a história e a interdisciplinaridade (aspectos físicos, biológicos e humanos) para se chegar a tal objetivo. Uma Leitura sugerida é **A cabeça bem feita** de Edgar Morin (2003).

o pensador encontra as evidências da falência da simplificação e, por conseguinte, a emergência desse novo paradigma. A microfísica depara-se com fenômenos inexplicáveis a partir do princípio da contradição, e mostra que não é possível separar a ação do sujeito da produção de conhecimento. A astronomia põe em causa a noção de temporalidade linear, assim como a biologia e as novas ciências da informação e computação evidenciam que os fenômenos aos quais se ocupam não podem ser reduzidos a relações de causalidade eficiente. As ciências sociais e humanas debatem-se com a impossibilidade da redução dos acontecimentos históricos e com as dificuldades de lidar com fenômenos, como a ação a partir de métodos quantitativos.

Não obstante, o saber ambiental, torna-se indispensável nas ações e práticas educacionais, na medida em que às degradações ambientais, decorrentes, sobretudo, das ações humanas e/ou da sociedade capitalista – “iniciada” no final do século XVII, consolidada no século XVIII e reproduzida até os dias atuais – que, imprimem de forma violenta, transformam o ambiente através das mais variadas formas de meios de produção (leia-se de igual modo, exploração) sob a égide do “Desenvolvimento”³.

Neste sentido, Henrique Leff reitera o pensar educacional numa visão de interação e de diversidade, ao afirmar em sua obra *Epistemologia Ambiental* que “os conflitos ecológicos e a crise ambiental não podem ser resolvidos mediante uma administração científica da natureza” (LEFF, 2002, p. 179). Isto é, não apenas o método sistêmico, nem o método interdisciplinar, quiçá o mercado poderão reintegrar o conhecimento sobre natureza e sociedade, pois a racionalidade ambiental necessita de algo maior, de diversidades arraigadas na cultura e na identidade (novos saberes/fazeres científicos, que dialoguem entre si, como também a emergência de outros saberes, ligados à tradição dos saberes social).

Pelo exposto, é mister neste momento considerarmos a seguinte reflexão: O pensamento complexo no que concerne às suas mediações, fundamentalmente, na sua centralidade, a dialógica – cujo aspecto basilar é o diálogo entre os diversos saberes – é capaz de ser aplicável pelos docentes em suas atividades diárias? E, se sim, que resultados efetivos, no sentido de melhoria, pode trazer aos atores envolvidos?. Tais indagações se tornam relevantes, na medida em que, a meu juízo, a proposta teórica é salutar com vistas ao (re)

³ O termo Desenvolvimento é concebido por Santos *et. al.*, (2012) como algo multidimensional, logo, este, a depender dos atores e objetivos envolvidos no uso da palavra, pode significar apenas crescimento econômico, portanto, configurando-se como uma forma de exploração.

entendimento do fazer e do produzir conhecimento, ou ainda, como o escreveu Morin em seu ensaio *Cabeça Bem Feita*: “Caminho pelo qual o ser humano poder-se-á se reaproximar do conhecimento” (MORIN, 2004, p. 09).

Portanto, objetiva-se neste ensaio evidenciar a importância do pensar a prática docente, com vistas à interdisciplinaridade na ótica da complexidade dialógica, considerando, portanto, o saber (no sentido de interação) em suas faces: científico e socialmente vividos.

Para tanto, adiante é apresentado um estudo de caso, a partir da prática docente na Escola de Referência em Ensino Médio Frei Otto – Ipojuca - PE, através de aula campo, intitulada: Trilha Histórica, Geográfica e Biológica em Ecossistemas de Mata Atlântica e Manguezal.

1. Metodologia: caracterização da atividade de campo

A possibilidade de ruptura de sentidos apenas científicos, ou seja, o pensar uma nova racionalidade ambiental, na ótica de Henrique Leff, em seu livro *Racionalidade Ambiental*, depende do concurso ou do consórcio de distintas estratégias para fragilizar a racionalidade instrumental dominante, que fragmenta, distorce, monopoliza interesses, submetendo-nos ao mercado e à destruição da natureza (LEFF, 2012). Nesse sentido, a presente experiência e/ou aula de campo – detalhada logo mais – tem sua intencionalidade centrada na prática pedagógica de forma interdisciplinar, valorizando, sobretudo, a geografia local por meio do diálogo entre professores, estudantes e munícipes locais.

Nesta ótica, buscou-se, após as atividades – através de entrevistas aos docentes – externar e/ou abstrair a percepção⁴ dos professores acerca da aplicabilidade em suas atividades, o pensamento dialógico e/ou complexo, bem como a melhoria da percepção ambiental dos atores envolvidos – na medida em que interagem – em relação aos ambientes visitados (Mata atlântica e Manguezais), fundamentalmente, pelos estudantes da EREM Frei Otto – Ipojuca – PE.

⁴ O termo percepção deriva do latim, *perceptivo*, cuja tradução está vinculada ao ato de “compreender, faculdade do saber” (HOUAISS, 2008). Sendo assim, o termo aqui utilizado é concebido como: a percepção ambiental definida como uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, compreendendo a importância de cuida-lo e protegê-lo (FERNANDES *et. al.*, 2004).

Com efeito, a referida Instituição de ensino está localizada no âmbito da cidade do Ipojuca. Esta por sua vez, está situada a 42 km da capital pernambucana (Recife), fazendo parte – enquanto referencial estratégico, sobretudo, econômico – de sua delimitação metropolitana (GOMES, 2014). Em adição, o município apresenta uma área de aproximadamente 531 km², com uma população de aproximadamente 80.542 habitantes (IBGE, 2010). Não obstante, Coelho Jr., (2012) evidencia a presença (em Ipojuca) e, sobretudo, a importância (ecológica, socioeconômica, cultural, etc.) de ambientes “naturais”, que se nos apresentam sob a forma de Praias, Manguezais e resquícios de Mata atlântica.

Por outro lado, simultaneamente, o pesquisador Coelho Jr. (2012), traz a problemática dos passivos a esses ambientes, que se configuram, em especial, pela atividade Industrial (com destaque para o complexo Portuário de Suape), bem como do turismo pela rede hoteleira, pousadas, condomínios etc. Não obstante, Coelho Jr. (2012) e CPRH e colaboradores (2014) afirmam que nesses locais tem-se a presença de populações tradicionais, principalmente, pescadores artesanais que desempenham suas atividades e/ou interagem (secular) nesses ambientes, portanto, configurando-se aí, uma relação de dependência, e ao mesmo tempo, pertencimento⁵.

Todo esse contexto dialético engendra a ideia da realização de uma atividade de campo, que contemple em sua totalidade, a diversidade dos atores envolvidos, ou seja, uma dialógica que promova a vivência e a interação entre o saber científico (próprio dos professores) – na ótica da interdisciplinaridade – e os conhecimentos socialmente vividos e/ou ditos empíricos, vinculados aos munícipes locais (pescadores, jangadeiros etc.).

⁵ A teoria das representações sociais explica esse pensamento. Sua principal função, está em tornar o não familiar em familiar através do pensamento de uma coletividade que se deseja conhecer. (MOSCOVICI, 2004, 2011; REIS, 2011).

Figura 1 - Imagem aérea do Google earth evidenciando o percurso detalhado da atividade. Do autor.



Nesse sentido, escolheu-se por fazer uma Trilha, que, reiterando assim intitulada: Trilha Histórica, Geográfica e Biológica em ambiente de Mata atlântica e Manguezal. A figura abaixo mostra o percurso realizado por estudantes, professores, bem como os locais de encontro e diálogo dos saberes.

A atividade descrita acima foi realizada nas imediações do Outeiro, localizado entre Porto de Galinhas, Serrambi e praia de Maracaípe no município do Ipojuca - PE. Sendo, necessários para sua efetivação, recursos humanos e físicos, a saber:

- **Físico:** Transporte, equipamentos de proteção individual e áudio visual; jangadas, entre outros.
- **Humano:** Estudantes do 2º ensino médio, profissionais das áreas de biologia, geografia, educação física e história; munícipes locais e jangadeiros/pescadores.

Com efeito, a trilha tem seu início no Outeiro, uma RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural), área vegetal protegida por lei que atualmente pertence à igreja católica.

Na ótica da interdisciplinaridade, a história e a cultura são contextualizadas através da visita a igreja de Nossa Senhora do Outeiro, construída pelos colonizadores portugueses (Figura 2). Em adição, foram de igual modo, abordados os aspectos histórico-culturais, a geografia local, e os passivos ambientais, visto que o local apresenta uma vasta área de monocultura de cana-de-açúcar e especulações imobiliárias (COELHO JR., 2012).

Figura 2 - Professores e estudantes e munícipes locais em diálogo dos saberes na Igreja do Outeiro.



Posteriormente foi efetuada uma descida para visita a residência de uma família local – possíveis descendentes de escravos (relatos informais deles) – que até hoje realizam a preparação artesanal de bens de consumo (farinha, beiju, tapioca e derivados), utilizando como matéria prima a **Mandioca** (raízes de vegetais).

Neste momento, já foi possível a aplicação da dialógica, na medida em que foram cientificamente colocados em foco, a história da diversidade étnica e cultural, aspectos biológicos e geográficos acerca da espécie em questão, e, de igual forma, foi concebido ao senhor responsável pelo estabelecimento (município local), a fala, onde o mesmo relatou sua

experiência com o ambiente, bem como, uma demonstração prática da preparação dos bens de consumo mencionados (figura 3).

Figura 3 - Munícipe local compartilhando seu conhecimento acerca de sua práxis sobre o ambiente.



Por sua vez, a caminhada segue em direção ao ecossistema de floresta atlântica e/ou mata de restinga, onde são evidenciados, aspectos científicos (históricos, geográficos e biológicos) acerca da importância da conservação/preservação do mesmo (figura 4).

Figura 4 - Diálogo dos saberes em Mata atlântica. Do autor.



Por fim, com o auxílio de jangadas, a trilha segue com um passeio em ecossistema manguezal na Praia de Maracaípe. Neste instante, uma vez mais, são contextualizados de forma dialógica, os conhecimentos, ao passo que os professores e Jangadeiros, que vale ressaltar, também são pescadores, fazem arguição sobre suas experiências e interações com o ambiente manguezal em termos culturais, ecológicos/biológicos e socioeconômicos, principalmente (figura 5).

Figura 5 - Diálogo dos saberes em Ecossistema Manguezal. Do autor.



Finalmente, a partir da prática docente supracitada, a fim de se obter os depoimentos dos profissionais (professores) envolvidos acerca da aplicabilidade do diálogo dos saberes proposto por Leff (2003), Morin (2003), Pelizzoli (2013), Freire (2006), entre outros... estes, foram direcionados à seguinte reflexão: *Como foi para você, poder interagir interdisciplinar e dialogicamente em sua prática docente?*.

2. Resultados e discussão

Numa ótica complexa de prática educacional, já se torna salutar, a atividade concebida e detalhada no item anterior, ao passo que esta, a nosso juízo, condiz coerentemente com Henrique Leff, (2004) quando o pensador cita sua concepção do que,

idealmente seria o conhecimento no campo ambiental enquanto “processo de reconstrução social através de uma transformação ambiental do conhecimento” (p. 230).

Nesse sentido, são apresentadas as respostas e considerações ao questionamento feito aos professores (Geografia, História e Biologia) envolvidos na aula de campo. Apenas reiterando, a reflexão é: *Como foi para você, poder interagir interdisciplinar e dialogicamente em sua prática docente?*. Sendo atribuído, simbolicamente, aos docentes numerais 01, 02 e 03, respectivamente para o profissional de Biologia, Geografia e História.

Assim sendo, é apresentada abaixo a fala literal do “**professor 01**” de Biologia. Para ele:

Poder interagir, inicialmente, em aula de campo com as outras disciplinas foi realmente muito interessante, pois a contextualização dos aspectos biológicos e ambientais, (junto à Geografia e História), que eu objetivava trazer para os alunos ficou muito mais completo. E, ainda mais, quando, nós profissionais, concebemos a fala aos munícipes locais foi extraordinários, porque, fiquei surpreso, em quanto eles podem contribuir positivamente em nossa prática e para o conhecimento dos estudantes. Enfim, pretendo sem dúvida preparar trabalhos que busquem esta visão.

Nesse sentido, Leff afirma que, no processo de construção do saber (ambiental) é que “o saber ambiental a ser constituído em relação com seus impensáveis, na reflexão do pensamento sobre o já pensado, na abertura do ser em seu porvir... Nesse sentido, constrói-se um novo saber, uma nova racionalidade e um futuro sustentável” (LEFF, 2002, p. 19).

Não obstante, Morin (2003) afirma que “É necessário, e isso desde a escola primária, que toda percepção seja uma tradução reconstrutora realizada pelo cérebro, a partir de terminais sensoriais, e que nenhum conhecimento possa dispensar interpretação” (p. 52).

Nessa perspectiva, Freire, (2004) “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22).

Para o “**professor 02**” de Geografia, a prática interdisciplinar:

“já é para mim, uma busca constante. Tento sempre que possível adentrar – no sentido – contextualizar – em outros componentes curriculares. Nesta experiência em questão, pude sentir que, podemos dar um salto a mais, quando interagimos também com os moradores. Eles sabem tratar do ambiente com propriedade, por exemplo, ao falar dos tipos de solo e plantas que são menos ou mais favoráveis nesse ou naquele solo”.

Nesta ótica, pode-se aqui retomar o pensamento de Edgar Morin, quando o autor afirma que “É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus* : o que é tecido junto”. (MORIN, 2004, p. 89).

Não obstante, M. Pelizzoli, (2013) em *A ética e meio ambiente* ao citar a importância de um pensamento interdisciplinar para a prática docente, chama a atenção para a necessidade de se ter “o chamado pensamento holístico, promulgando a recuperação da integridade da abordagem do ser humano e da natureza em seus vários aspectos” (p. 47)... Em adição, o autor nos traz uma reflexão significativa ao exemplificar que a “experimentação educacional com base filosófica hermenêutica, que resgata tradições locais e descobertas para a constituição de um paradigma dialógico contextualizado” (p. 48).

Por fim, o “**professor 03**” de História traz consigo o pensamento carregado de reflexões importantes acerca da prática dialógica ao dizer que:

“Poder compartilhar conhecimentos históricos em interação com os colegas de outras áreas foi, para mim, algo muito positivo. E, ainda mais, dialogar com as pessoas que fazem essa história, em suas vivências, trazendo para nós seus saberes e fazeres diários foi algo extraordinário. Os estudantes ficaram, em minha visão, muito mais entusiasmados”.

Nesse sentido, é salutar neste momento externar a fala de Schram e Carvalho ao afirmar que “acreditamos no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo” (SCHRAM e CARVALHO, 2013, p.03). Em razão disso, esses pressupostos requerem, sobretudo, a participação das reflexões para a construção da escola que concebe, essencialmente, uma educação em que os atores se completam ao longo da vida, ou ainda, uma educação capaz de ouvir as pessoas, sendo sujeitos participantes dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade (FREIRE, 2007, p. 04).

Portanto, acreditamos a partida, que as falas dos atores – enquanto profissionais docentes – reforçam a perspectiva dialógica, diálogo que exerce neste ensaio, diversos tipos de “cientificidades” que ao convergirem, dão (quando possível) a visão de totalidade daquilo

que se pretende alcançar. Ou ainda, mais especificamente, ao que nos propomos a discorrer “o diálogo de saberes é formulado a partir do reconhecimento dos saberes – autóctones, tradicionais, locais – que aportam suas experiências e se somam ao conhecimento científico e especializado; mas implica, por sua vez, o dissenso e a ruptura com uma via homogênea para a sustentabilidade” (LEFF, 2006, p. 376-377).

Considerações finais

A visão dialógica a qual nos propomos conceber no presente ensaio é por seu turno, também uma nova possibilidade de um saber ambiental, que na visão dos vários autores citados, complexo (no sentido de entender o mundo em que estamos a todo tempo atuando), que por sua vez engendra ou se nos apresenta como uma necessidade real de aproximação entre o saber científico e os saberes e fazeres populares. Portanto, há que se levar em consideração – na perspectiva de supera-los –, aspectos que ao longo da história, vem atrofiando o conhecimento (dicotomização, objetivação, racionalização).

Nesse sentido, a proposta dialógica é apresentada como um caminho viável para esta transcendência, na medida em que proporciona um novo pensar educacional integrativo. Todavia, ressalto e reitero ser um caminho. Assim como Morin (2003), acredito que a história, bem como a realidade humana é incerta. Incertezas que precisam ser apreendidas e trabalhadas numa perspectiva interdisciplinar.

Finalmente, acredito de igual forma ser necessário o investimento a passos apressados – próprio da atual modernidade desde sua gênese – em alternativas e/ou novas formas de conhecimento (como ao que neste ensaio é sugerido), que por sua vez engendrem enfrentamentos efetivos aos problemas socioambientais da contemporaneidade.

Referências

COELHO-JR, Clemente. **Degradação ambiental na zona costeira: os manguezais de Pernambuco**. Recife: UNICAP, 2012.

FERNANDES, Roosevelt S. *et. al.* **Uso da percepção ambiental com instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental.** São Paulo, USP 2004.

FREIRE, P.; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando:** conversas sobre educação e mudança social. 4 ed. Petropolis-RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P.; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** Teoria e pratica da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3a ed.; São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo.; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e pratica em educação popular. 8ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2005.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental.** São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental:** da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental:** a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental.** Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis, RJ, Vozes/PNUMA, 2001. 343p.

MORIN, Edgar (1921). **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 2ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004. p. 404.

PELIZZOLI, Marcelo. **Ética e meio ambiente:** Para uma sociedade sustentável. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

REIS, Sebastiana L. de A.; BELLINI, Marta. **Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental.** Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.

SANTOS, L. S. *et al.* **Desenvolvimento:** Um Conceito Multidimensional. DRd – Desenvolvimento Regional em debate. Ano 2, n. 1, jul. 2012.

SCHRAM, S. C.; CARVALHO, M. A. B. **O Pensar educação em Paulo Freire:** Para uma Pedagogia de mudanças. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/5145040-O-pensar-educacao-em-paulo-freire-para-uma-pedagogia-de-mudancas.html>> . Acesso em: 05/11/2016.